

Especial

Confiança e legalidade

Para Reginaldo Gomes, 38, dono de uma frota de carros e de uma agência de viagens, Portugal lhe deu tudo o que esperava e mais um pouco. Há 16 anos no país, trabalhou em restaurantes, na construção civil, em uma empresa aérea e até como ator de novelas. Baiano de Eunápolis, aproveitou todas as oportunidades para juntar dinheiro, investido, em boa parte, em fazendas e em gado no Brasil. Os negócios são tocados pelo pai dele. “Quando cheguei em Portugal, tudo era muito difícil, não tinha a documentação adequada, passei muito sufoco. A partir do momento que regularizei minha situação, tudo mudou, as portas se abriram por completo.”

Regis conta que um dos momentos mais marcantes em Portugal foi quando abriu um restaurante com o dinheiro que recebeu assim que deixou a empresa aérea. “Foram os portugueses que eu conhecia que me deram força. Estavam sempre lá, almoçando ou jantando, levando amigos para consumir no restaurante”, detalha. Ele afirma, ainda, ver com muito bons olhos o fato de os portugueses, num primeiro momento, serem arredios em relação a estrangeiros. “Primeiro, eles pegam confiança para, depois, dar confiança. Agora, ajo como eles. Concordo totalmente com esse negócio de ter um pé atrás.”

Ele acrescenta, ainda, que a vida dos brasileiros que têm se mudando para Portugal está muito mais fácil do que quando ele desembarcou no país. “Hoje, o esquema de trabalho está quase

Fotos: Arquivo Pessoal



O baiano Reginaldo Gomes deixou o Brasil há 16 anos



Alerciana Neves, com o marido, Alexandre, e a filha, Maria Eduarda. Os três vivem em Portugal

todo formalizado. Os empresários sabem que, se não assinarem um contrato com os empregados, seguindo a legislação, serão multados”, explica. Por isso, Regis recomenda que aqueles que desejam se mudar para Portugal só o façam dentro da lei, para que possam aproveitar as oportunidades que estão sendo oferecidas. “Não dá mais para se aventurar, entrar no país como turista e querer ficar”, complementa.

A prioridade são os filhos

Alerciana Neves, 47, que está há cinco anos em Portugal, reconhece que, para ela, a mudança de país não correspondeu às expectativas, sobretudo do ponto de vista profissional, mas, para a filha, Maria Eduarda, foi tudo de bom. “Ela está tendo uma formação que jamais teria no Brasil. E, neste momento,



Raquel Pelicano, fotógrafa que se divide entre Portugal e Brasil

para mim, é o que importa”, ressalta. No Brasil, Alerciana era contadora de uma empresa relevante e, em Portugal, trabalha como assistente de dentista, depois de fazer um curso profissionalizante. Ou seja, está ganhando muito menos do que recebia no Brasil. “Foi uma escolha. A prioridade nesse momento é dar um estudo de qualidade para a minha filha. Eu quero que ela tenha um diferencial”, afirma.

A segurança também pesou na decisão de Alerciana, já que Portugal é considerado o sexto país mais seguro do mundo. “Isso também compensa muito a mudança”, frisa. Mas ela aconselha que as pessoas se planejem antes de tomarem decisão tão radical, pois as intempéries podem ser grandes. “Se não houver um bom preparo emocional, depois de três meses o desejo de retornar para o Brasil será grande. Não dá para acreditar que tudo é maravilhoso como se vê nos vídeos que circulam pela internet”, alerta.

No caso da fotógrafa Raquel Pelicano, a opção foi por manter os pés tanto no Brasil quanto em Portugal. Ou seja, não houve uma mudança definitiva para o país europeu. Ela e o marido chegaram em Lisboa em 2020, um mês antes da decretação da pandemia do novo coronavírus. Foi um sufoco. Mas, passado esse período complicado, ela acredita que Portugal será uma base importante para criar pontes entre os países lusófonos, desenvolvendo projetos culturais e artísticos. “Não sentimos preconceito e fomos muito bem recebidos”, diz.